ESTUDOS AMERICANOS

Guarino Alves

II — O ENÍGMA DO PORTO DAS ONÇAS

O Pe. Serafim Leite, S. J., ao narrar a jornada dos missionários Francisco Pinto e Luís Figueira, à serra de Ibiapaba em 1604, afirma que naquela época, como assegura Cândido Mendes, o **porto das Onças**, isto é: o rio de Jaguaribe, fora causa de confusões entre os marítimos dado o fato de se avizinhar de outro **porto das Onças**, presentemente rio Apodi ou Mossoró. Cumpre-nos esclarecer alguns pontos básicos relativos ao pressuposto histórico a que alude o erudito sacerdote, pois o argumento de Cândido Mendes de Almeida resultou de equívoca leitura de uma carta geográfica contemporânea, intitulada: **"Descripção do verdadeiro descobrimento e nova conquista do Rio de Jaguaribe, Serras de Ariama, muibuapaba e ponaré e cõ fins do Maranhão q' fez o Capitão-mor Pero Coelho de Sousa de Ordem de Diogo Botelho, Governador e capitão geral do estado do Brasil, des do ano de 1603 té 1608, com todos seus portos, barras e rios cõ suas nascentes."** Efetivamente, escreveu o muito ilustrado historiógrafo maranhense o seguinte: "Este rio Jaguaribe, etimologicamente **Rio das Onças**, não é o que atualmente tem este nome na hidrografia cearense, mas o atual Apodi ou Mossoró, como nos antigos mapas se observa, que copiou Diogo de Campos Moreno na **Razão de Estado.**" Ora a análise do mapa feita por ele é incompatível com a realidade geográfica. Destaquem-se os acidentes difundidos pelo cartógrafo anônimo, quiçá o português João Teixeira, como elemento comprobatório da nossa assertiva:

Topônimos no Rio Grande do Norte: **Marco Antiguo,** padrão de pedra liós chantado por Gaspar de Lemos, a 7 de agosto de 1501, no litoral de Touros, 5.°4' 40"S/35.°48'30"Gw; **ponta dos cardos,** a de Caiçara; **R:. guamoré,** o rio Cabelo; **R:. das Salinas,** o Caldeirão; **R:. omaratibo,** o Camurupim; **R:. Vaperug,** o Açu; **R:. gamushug,** o de Cavalos; **laquejug,** o Conchas; **p.ª domel,** a ponta do Mel; **C° de Caba Tiguape,** a ponta Redonda; **R:. hug beranduba,** o rio Apodi ou Mossoró.

Não há por conseguinte o **porto das Onças** nessa enxurrada de algaravias. No Ceará, temos: **habarana,** ponta Grossa; **P° das onças,** enseada de Retiro Grande; **R:. de S: Lourenço,** o rio Jaguaribe, assim batizado por causa do forte deste nome; **R: iaguaribe,** o alto curso; **Forte de São Lourenço,** o forte fundado por Pero Coelho de Sousa a 10.8.1603; R: Paripuera, o Pirangi; **R: uberanduba,** o Pacoti; **propriar,** inidentificável; **p.ª de S. Bertolomeu,** a de Mucuripe; **Siara,** lugar; **Nouala.ª,** Nova Lisboa; **Forte de São tiago,** construído por Pero Coelho de Sousa a 1o. de maio de 1604.

Enfim, o rio Apodi ou **hug beranduba,** grafia errada do tupi: **ig,** rio + **beribrána,** árvore frutífera + **tuba** ou **tiba,** lugar — **IG BE (RIB) RAN (A) TUBA,** está muito distante do rio de Jaguaribe os quais têm de permeio a ponta **Habarana** e a enseada de Retiro Grande ou **Porto das Onças.** Demais, em mapas do subsequente século o Apodi aparece como sendo de **Ipanema,** de **ig,** rio, e **panema,** imprestável, em alusão à aridez do solo com carência de água potável por efeito das grandes salinas naturais.

O que há que saber é que no manuscrito do cartógrafo anônimo se pode estabelecer distinção entre **Jaguaribe** e **porto das Onças.** Este porto corresponde ao de Retiro, já vimos, distante do rio seis léguas. Porém mais difícil é apresentar boa prova da origem do topônimo aplicado a essa "baía" cearense.

No que se refere ao rio lemos no **rezam de estado** esta legenda: **neste porto entram urcas.** Algo parecido assinalou o Cosmógrafo Antônio de Mariz Carneiro em seu Roteiro de 1626: **"Te digo que oito legoas verás um Rio, que se chama Jaguaribe, e pelo Rio acima verás umas barreiras brancas da banda do Noroeste um morro de areia e por baixo pedra, e pela terra dentro coisa de 6 legoas verás uma terra em que se mostra como sete pães de assucar, e podes ir correndo a ribeira que no Rolo do mar acharás 3 a 4 braças",** etc. As barreiras brancas ainda existem. São vistas da ponte sobre o rio, na estrada rodoviária **Ce-89.** O morro arenoso deve ser o Araré a sudoeste da cidade de Aracati.

Sejam quais forem as opiniões em contrário há motivo muito forte para acreditarmos que o nome **Jaguaribe** motivou-se de transposição do outro topônimo **porto das Onças** ao longo dos anos. Efetivamente, quem segue ao rumo de Ponta Grossa observa em chegando à enseada de Retiro Grande uma figura de animal modelada pela interrupção fortuita da folhagem que encobre uma barreira vermelha. Trata-se da "Vaca", que outros dizem: "Vaquinha", ou ainda, "O Encantado" porque sendo a figura muito grande perde o contorno quando vista de perto. Somos testemunhas desse pormenor, pois ali estivemos de passagem para Ponta Grossa, em 4 de agosto de 1973, pesquisando sobre o **periplum** de Vicente Yáñez Pinzón, como já haviamos feito também nos rios Camucim e Timônia. (1) Diz-se "Vaquinha", por causa dos cornos e das mamas; porém a nosso entender, esse detalhe derivou de pequena modificação processada recentemente na folhagem. Reconheceriamos na figura uma onça pelos motivos que se seguem: 1. — O desenho natural-vegetal pertence à enseada do Retiro, antigo **porto das Onças;** 2. — O revestimento florístico de barreiras e promontórios, em se tratando de costa nordestina, quando se mantém incólume à atividade destrutiva do homem e do animal pode subsistir imutável através de séculos. Em síntese, não cresce muito, nem decresce porque o clima é árido; 3. — O apelido **Jaguaribe,** sem correspondência com a natureza do rio já identificado originou-se do topônimo **porto das Onças.**

Acerca de **Jaguaribe,** pronunciou-se Cândido Mendes: **"etimologicamente Rio das Onças.** Mas este conceito é inexato. **Jaguaribe,** nome tupi, não faz alusão a rio. É, sim, uma forma contráta de **jagoara,** onça + **ibí,** terra. Quer dizer: terra da Onça — **JAGOAR(A)IBÍ** ou simplesmente Jaguaribe. Quando se trata de "rio da Onça" a grafia é **ig-yagora** ou como se observa em papéis velhos — **yagoagoara** e **yguiagoara,** que procedem de y(g), rio + **yagoara,** onça. O diminutivo faz-se com a desinência i: **I—IAGORA—I,** porém nesse caso preferia-se a modulação **yagorarí,** onça filhote, e **ygoagoaraí,** rio da onça pequena.

---

(1) O acesso ao promontório é feito com maré de vazante desde a praia de Majorlândia. Viajamos eu, o Dr. Miguel de Aguiar e Frédéric, meu filho, numa "Rural", sempre constrangidos pelas águas e as barreiras em alguns trechos, notadamente nas imediações de Retiro Pequeno. O mais curioso na região é a abundância de gaviões "caracarás" ou "carcarás", escuros, parecendo abutres, cruzando o espaço luminoso.

Se o topônimo em discussão não corresponde à natureza do rio, resta voltarmos os olhos para a "onça" ou pseuda "vaquinha" moldada pela folhagem da barreira da enseada de Retiro Grande. Dito em outros termos o rio era **Onça** apenas porque emboca na adjacência da enseada distante seis léguas. Agora apresenta-se o problema de saber se a palavra "onças", subordinada a um sentido de "quantidade" não contradiz a figura. Pelo mapa anônimo o topônimo pode sugerir a presença desse felino na enseada, mas ninguém deve esquecer que o mapa foi provavelmente debuxado muito depois de 1608; ou seja a nomenclatura pelo menos parcialmente na parte do Ceará talvez se constitua de nomes mais modernos. Há de entender-se e parece inegável que o manuscrito, sem data, seria, repetimos, de João Teixeira, inclusive as vinte e uma cartas do **rezam de estado,** obra de Diogo de Campos Moreno, de 1612-13. E sendo assim chegaremos imediatamente ao ponto principal: o cartógrafo, desprovido, quiçá, de um agudo conhecimento da origem do topônimo transformou a "onça" do debuxo em "onças", dando a idéia de que na região erma e esteril proliferavam os jaguares.

Havia entre os portugueses o hábito de pluralizar, mesmo sem necessidade. Por exemplo: o divisor artificial do Estado do Rio Grande do Norte com o da Paraíba, conhecido desde 1612, chamava-se **os Marcos,** e a praia defronte, **enseada dos Marcos.** No município de Touros há o sítio **dos Marcos,** proveniente da presença do Padrão portugues de 1501. Do mesmo modo o marco antigo da Capitania de Itamaracá de Pero Lopes de Sousa, em Igaraçu: sítio **dos Marcos e porto dos Marcos.** No Ceará há o município de **Marcos.** Ora a mesma coisa ocorreu com o desenho da barreira vermelha: **da Onça,** passou a ser **das Onças.**

Em paralelo a estas novidades há que ver ainda o vocábulo tupi, deturpado, **Habarana,** do mapa aqui examinado. Ele aparece com ortografia diferente no Roteiro marítimo de Manoel Gonçalves, de 1613: "neste proprio dia anoitecemos com a ponta de **Ubarana."** Antes de tudo convém lembrar que no Nordeste a troca de **i** por **u** em algumas palavras túpicas era comum: ao invés de **ig** escrevia-se **hug,** notadamente quanto às desinências: **camará-atá-í** ou **camaratahig** por **camaratahug. O u** de **ubarana** regula por **i,** no sentido de "rio" da terra do jaguar, certamente referindo a figura da barreira. **Ubarana** e suas corrutelas criadas pelo europeu originam-se de **yagora jagoara** e **jaguara,** onça. Ademais, alguns mapas registram: **habarana, aurabana** e **yabarana.** Os flamengos escreveram: **Pt Abaroen. . .**

Dessa maneira tais ortografias estão no mesmo plano de **potigoarana,** terra de Poti, indígena mui famoso, segundo se diz e escreve no Rio Grande do Norte. O antigo **Cabo Corso,** quinhentista, passou a se chamar **do Jaguar** no século XVII, permanecendo assim até o século subsequente conforme lemos no mapa de Guillaume Delisle confeccionado em 1700: **P. das Onças.** Portanto, ponta e porto da **Onça,** e concomitantemente — rio **da Onça,** o atual Jaguaribe, por conseqüência da figura da barreira vermelha.

Decerto foi no século XIX que surgiu o nome **Ponta Grossa,** expressão plebéia sem nenhuma característica histórica. Ponta grossa devido à sua largura. A rigor é uma colina alongada partida ao meio por uma gargante e orientada de norte-sul. Seu rosto, na praia, como que se confunde com o cordão de barreiras terciárias que acompanha o litoral. Recorta-se o arcabouço arenítico por pseudas "pontas" produzidas pelo embate do mar de seis em seis horas corroendo-lhe o sopé e abrindo larguíssimas reentrâncias com o consequente deslisamento paulatino de materiais. São as "pontas" o resultado da erosão marinha dinâmica a que se junta o processo modelador dos ventos lá nas alturas, imprimindo nas saliências bizarros desenhos. Diríamos que parece um pontão muito encorpado, com endentações bastantes proeminentes. A primeira ponta ao oeste, onde confina a enseada de Retiro Grande é baixa, medindo a cálculo de vista uns trinta metros de altitude. Uma outra ao leste, muito deteriorada, impressiona mais, pois se eleva a cem metros. O cabo propriamente dito se estende segundo a estimativa feita pelo nosso "guia", por dois quilômetros.

O aspecto praieiro tem suas singularidades. Na maré de refluxo afloram os penedos pardacentos — **itaguaçus.** Essas rochas e os recifes coralinos também proliferam na enseada de Retiro Grande e foram registrados por primeira vez na carta **TERRA BRASILIS,** 1516, de Pedro Reynel: **baia de aRafes,** repetido na de Gaspar Viégas, 1534 — **b de arrecifes.**

III — O RIO POTENGI

Conforme se depreende de um relatório de Matias de Albuquerque, de 1628, remetido ao Conde-Duque de Olívares, ministro de Dom Felipe

V, possuía a Capitania Real do Rio Grande três portos de especial importância. Referindo as rendas e despesas administrativas do Brasil, Albuquerque examina as condições do núcleo potiguar começando assim: **"Segue-se a Cap. do Ryo Grande que nem tem porto consideravel mais q. o em a tem a fortaleza e o dos Buzios e o da Bahya formosa."** Desse ano é o Roteiro da costa publicado em Haya, por Kilian de Resenlear. Fundamentou-se em informações de silvícolas do Ceará e Rio Grande, transferidos da Baía da Traição para a Holanda na esquadra de vinte e oito navios do almirante Henrichszoon. Cita-se o rio **Poting,** em cuja margem oriental existia um **chateau** provido de nove canhões de ferro e com guarnição de quarenta homens. É a fortaleza de **Três Reis Magos,** construida por Manuel Mascarenhas Homem, em 1599, conforme ordenara Dom Felipe II de Espanha, e I de Portugal. O povoado surge como Vila de oito casas e uma igreja. Seus habitantes são homens de engenho-de-açúcar: cinco portugueses, e escravos guinéus. O nome **Poting** provém do tupi **puti(ng)** — camarão, rio que emboca na cidade do Natal. Entretanto coube ao Des. Luís Fernandes a prioridade de mostrar que o rio da Cidade é o Jundiaí. Com efeito, o Potengi deflui da serra de Santana, e após receber dentre muitos tributários os rios Ingá e S. Pedro, despeja no Jundiaí, no lugar "Três Bocas", que outros dizem "Barreiros". A rigor, devia ter designação diferente, porquanto, **Potengi,** é o baixo curso do Jundiaí. Apenas discordamos do saudoso desembargador na maneira de traduzir o topônimo, ou seja **potengi** por **petingi** — "rio do Fumo", **Nicotiana tabacum,** L.

O rio principal entra na literatura da Conquista e da Colonização como **Rio grande** e **Potengi.** Escrevia o sertanista Gabriel Soares de Sousa, indispensável nesses assuntos: **"Neste Rio Grande podem entrar navios de todo o porte, porque tem a barra funda de dezoito até seis braças, e entra-se nele como pelo arrecife de Pernambuco, por ser da mesma feição."** Ocuparam-se do caso os cronistas flamengos. No roteiro: **Reysboeck van het rich Brasilien,** de Nicolas van Geekerken, Haya, 1624, está consignado: **"Rio Grande, também chamado rio Potengi. É um belo e amplo rio que tem pela frente um recife de pedra, idêntico ao de Pernambuco, e lhe dá uma defesa natural."** E. Bondam, tradutor do manuscrito de Resenlaer para o francês, apresenta outras fontes relativas a viagens de portugueses e holandeses pela costa brasileira. Acerca do Potengi, temos: **"Elle aparait comme une petite revière, semblable au chenal de Viana en Portugal."** E quanto à fortaleza: **"Sur la rive sud s'éleve un château sur un récif qui s'avance vers nord-ouest-nord jusqu'à une portée de verche du chateau, le long de la côte."** Nieuhof, aventureiro escritor que esteve no Brasil, alguns anos, escreveu: **"Rio Grande, assim chamado pelos portugueses devido au seu**

considerável volume, é conhecido entre os naturais pelo nome de Potengi." Grande, sim, mas na largura do baixo curso e na profundidade. Daí a afirmativa de Laet: **"cerca de quatro léguas acima do forte deixa de ser rio apesar de ter na foz a largura do Mosa, pelo que se admiravam** (os holandeses) **de lhe haverem** (os portugueses) **dado aquele nome."** É raso ainda hoje desde a Base Naval para o sul, somente navegado por barcaças. Segundo Laet, haviam dito os tapúios que o rio fora muito maior, não se sabendo a causa do desaprecimento das águas superiores. Há um tópico no manuscrito espanhol de Gabriel Soares, descoberto por Cláudio Gáns na Biblioteca do Palácio Real de Madri, que menciona extensão maior: **"tiene dentro algunas Yslas de mangues, por lo cual van Barcos por el arriba quince, o veinte y vienen de muy lexos."** Na **Memória** de 30 de maio de 1808, do Governador da Capitania, José Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, constam apreciações sobre o Potengi, **"o qual, com a largura de 400 a 500 braças, pelo comprimento de 3 léguas, dá ancoradoiro seguro e abrigado de todos os ventos às embarcações que navegarem em águas vivas, em água de 40 palmos, de fundo, e este mesmo fundo vai pela barra fora terminar-se no fundo mar."** Depois de fundadas as Docas e a Base Naval o rio passou a oferecer melhor segurança.

Geralmente se traduz **potengi** no sentido de "rio do Camarão", ou seja **puti**, crustáceo decápode, e **g-i**, rio. Na verdade significa "camarão pequeno", e nada mais. **Potengi**, vejamos, soa nasalmente: **puti(m)**. Por conseguinte o **g**, anteposto ao diminuitivo **i**, proporcionou a ortografia **putingi** ou **potengi**. Explica-se isso com a regra ensinada por Gonçalves Dias. Nas palavras compostas se a primeira termina com **i**, e a derradeira começa também com **i**, surge entre ambas o **g**. Por exemplo: **puti-g-i**, mas sendo nasal o primeiro **i** dizia-se **putim-gi**, modificado pelo europeu em **potengi**, ou por outra, **puti**, camarão + **i**, pequeno. Em suma, quando se trata de "rio do Camarão", escreve-se: **I-puti**. É chegado o momento de terminar com aquela absurdidade de Th. Sampaio, consoante a qual a palavra **potiguar** significaria "comedor de camarão". Consulte-se o nosso indianista mais autorizado, Gonçalves Dias. **Guara**, esclarece ele, "significa o que habita, o que mora, intervindo nesse fato o quer que seja de livre arbítrio. De fato, **guara** — radical de **guarani**, soaria ao princípio como sinônimo de guerreiro, o que, no seu modo de falar, rejeita a idéia de coação passíva. **Potiguaras**, diziam eles — os guerreiros do chefe Poti. A guerra é origem da propriedade; o guerreiro converteu-se em **jara**, ou **iara**, desinência que caracteriza a denominação de algumas tribos da língua geral. **Tabajaras** — ou os senhores das aldeias." E prossegue: "Depois da

colonização portuguesa, a palavra sofreu nova modificação: o senhor perdera a propriedade, convertera-se em simples habitante, e a palavra **jara** em **uára. Parauára** significa o que habita o Pará, designação com que os Paraenses, ainda há pouco tempo, tão injustamente se ofendiam. E para que nenhuma dúvida houvesse de que a palavra, assim modificada, não envolvia mais a idéia de domínio, aplicaram-na não só aos homens, mas aos irracionais, exprimindo o que mora ou habita, e simplesmente o que vive. **Capi-uara**, de que fizemos capivara, indica que o quadrúpede tem o costume de viver entre o capim." Nada mais explícito: **potiguar**, o que habita a terra do camarão.

Mas, por que "camarão"? por causa do crustáceo decápode? proveniente do prestígio pessoal do cacíque Putiguaçu, o Poti dos portugueses? salvo engano tudo gira em torno de um topônimo de "observação". Como se mostra na **Fig. 1**, o baixo curso do Jundiaí tem a forma de camarão cuja "cabeça" começa na foz, com o dorso, arqueado, desaparecendo na curva do Igapó. . . Aliás, são muitos os exemplos de topônimos de "observação" Haja vista o rio Camucim, no Ceará. Resenlaer escreveu **Camosy**, rio adequado **"à grande vaisseuaux, sans eau fraiche."** Não faltam também nesse caso as corruções: **camocy, camosy, camozi, camucipe, camusupe, cammuci, camossim, comeni** e **comestry**, todas provenientes de **CAMUTI(M)** — pote. Sua origem túpica é discutível. Havia **igaçaba.** Escreveu o Barão de Studart: **"Camocim, corrutela de "camotim", pote de boca pequena.** Trata-se de topônimo de "observação" visto que, se estivesse ligado à idéia de olaria diríamos **camotim monhangába**, oleiro. O fato é que ele tem a embocadura estreita e mais acima forma um bojo, à maneira de moringa, bilha ou quartinha, o rio do Pote, **Fig. 2.** Quanto a **Potengi**, convém assinalar que as modulações gráficas constantes de documentos oficiais portugueses **petiguara** e **pitiguara**, aparentemente: "habitante do Fumo", daí o equívoco do Des. Luís Fernandes, são meras corruções da palavra **putiguara.** Os silvícolas dessa grande Nação, em fins do século XVI, dominavam desde o Cabo de São Roque até o rio Mamanguape na Paraíba. Em Pernambuco habitavam os **Tabajaras**, seus inimigos tradicionais e amigos dos portugueses. O vocábulo **PUTI(NG)I** aparece muito castigado em cartas marítimas, relatórios, ofícios e ordens régias: **puttigi, potiiou, petii, potuxi, potyii, poting, pottegie, potingh, petigi, pitigy** e **potosi.** Em um mapa da obra de Hans Staden, intitulada **Wahrhaftige Historia**, edição de 1557, o litoral nordestino exibe esta legenda muito expressiva: **putiigoais land.**

Terra dos Potiguaras.

IV — SENA PORT MARIN

Ivan Lind, ex-Professor de geografia na Escola Superior Comercial de Gotemburg, dizia enfaticamente que uma das cláusulas para o exame proficiente de topônimos esdrúxulos devia ser a de **"o geógrafo se tornar conhecedor da interpretação linguística do significado original e real dos nomes, que pode ser completamente diferente daquela que aparenta, que a forma actual do nome parece indicar."** Topônimos amerígenas, europeus, híbridos, geralmente mutilados, podem proporcionar interpretações insensatas. É o caso de **Paupina**, nome de antigo aldeamento de silvícolas cristianizados, hoje Messejana, no Ceará. Houve quem o encarasse como se tratando de palavra proveniente de "Pe. Pinto", evangelizador da Companhia de Jesús, missionário mártir. Ora a alcunha túpica desse religioso era **Amanaíra** ou "fazedor de chuva", nome inteiramente contrário quer no sentido, quer na forma a **Paupina.** Esta palavra, que Th. Sampaio traduz por "lagoa limpa", quer dizer **pai apina** e diz respeito a "padre leito", não tonsurado. Já o jesuíta, o padre Francisco Pinto, por exemplo, se chamaria **pai abuna,** em virtude da batina preta. Observem-se estas ilustrações tiradas de **apina, apaba** e **apeba:** 1o., **ibiapina,** de **ibí,** terra + **apina,** tonsurada. Provavelmente, em alusão ao solo cujo mato foi aparado; 2o. **ibiapaba,** terra talhada a pique; e 3o., **ibiapeba,** a terra plana, rasa ou chata. À terra fendida dizia-se: **ibí ojepirar oaê.** Muitos nomes alienígenas assimilados no Nordeste brasileiro pelo silvícola deram motivo a fonografias exóticas como se mostra por intermédio de Gonçálves Dias: **pána,** do português "pano", tecido; e **papéra,** oriúndo de "papel".

A melhor fonte histórica para o estudo do problema de **SENA PORT MARIN** será a cartografia marítima. Veremos isso através de alguns mapas do livro **rezam de estado do Brazil,** quiçá debuxados em 1614, em confronto com outros assinados por cartógrafos holandeses. Servirão também de subsídios quatro "datas" de sesmarias concedidas em 1602, 1604 e 1605.

Trata-se do rio Ceará-Mirim, no Estado do Rio Grande do Norte, que emboca no oceano pela barra do Inácio do Góis, em 5.º40'S. Conforme um dos cimélios do **rezam,** talvez de João Teixeira, ele se chama **Rio Comaputameri.** Entretanto convém trazer à tona a opinião do mestre maranhense Cândido Mendes, nestes termos: "No mapa de Pero Coelho de

Sousa copiado por Diogo de Campos Moreno na sua obra **o livro da razão d'Estado** — chama-se a este rio **Comaputu-merim,** mas em outro mapa da mesma obra o rio **Comaputu-mirim,** é o imediato ao **Ciará-mirim,** mas outra é a ortografia — **Cauaputú-mirim.**

Sabemos de antemão que o discutido topônimo não interessa realmente ao rio Ceará-Mirim. Leia-se a propósito no **Reis-boeck van het risch brasilien,** já citado, este passo: **"Continuando, ao longo, encontram-se os seguintes rios e baías, tais como os rios, Siara, Senpatumeri, Facuatico e Pequetinga, todos de pouca importância e estranhamente despovoados".** O **Senpatumeri** demora pois ao norte da barra do **Siara,** nome primitivo de Ceará-Mirim.

Com referencia às "datas" de sesmarias, constantes do **Treslado do Auto de repartição das terras** da capitania do Rio Grande, de 1614, o topônimo controvertido corresponde a um rio ou riacho. Quer dizer, o atual Ceará-Mirim se chama **rio Seara,** o qual aparece sulcando a Várzea de igual nome.

Pelo que se observa de algumas "datas", há variações ortográficas para o **Comaputameri** de uma das cartas do **rezam d'estado:**

"43. **Ha data corenta e tres deu joão rodrigues colaço a gregorio quonçalues em trese de março de seis sentos e dous, he de mil braças de terra por costa, comesando de hu riacho por nome CONA POTÚ MERIM pera a banda do sul",** etc.

"75. **Ha data setenta e sinco deu jeronimo dalboquerque a antonio guonçalues minhoto em dous de dezembro de seis sentos e quatro, são seis sentas braças de terra em quadra que comesão do ryo CANAPUTUMERIM pera ho norte",** etc.

"77. **Ha data setenta e sete deu jeronimo dalboquerque a dominguos martins em sete de janeiro de seis sentos e sinco, he mea legoa de terra emquadra ao longo do mar do ryo CANAPUTU—MERIM pera a banda do sul",** etc.

"78. **Ha data setenta e oito deu jeronimo dalboquerque a domingos martins em çete de janeiro de seis sentos e sinco, he mea leguoa de terras em quadra, ao longo do mar do ryo CANAPUTÚ MERIM para a banda do sul,"** etc.

Em síntese: **cona Potu merim**, 1602; **canaputumerim**, 1604; **Canaputu merim**, 1605. O topônimo primitivo é anterior à conquista da Capitania por Manuel Mascarenhas Homem, Capitão-mor e governador de Pernambuco, em 1597.

O Des. Luís Fernandes fazendo referência ao **Treslado de repartição das terras** de 1614, afirmou que o **Conapotú-merim** era com certeza um outro **Unapotu-mirim** de documentos diversos por ele próprio consultados: "e, como consta daqueles que era beira-mar e diz um destes que fica a nordeste do **Pratagi**, distante uns 6 quilômetros da praia, podemos concluir que, perdendo seu nome a primeira parte de que se compunha, passou ele, com o tempo a chamar-se **Putú-mirim, Potú-mirim** e, afinal, **Porto-mirim**, conhecida praia do município do Ceará-Mirim, exatamente ao norte do Pratagi e onde há uma pequena lagoa que despeja no mar por tênue regato, a que chamam hoje **Maceió.**" E conclui: "Esta opinião é tanto mais aceitável quanto é sabido que a praia de Porto Mirim, rasa e desabrigada, nunca teve um porto, que pudesse justificar seu nome". A identificação geográfica está correta. O **Comaputameri** era um riacho que nascia ou despejava na lagoa depois conhecida por Maceió. Resta, porém, saber a origem etimológica do topônimo.

A acreditar no ponto-de-vista do Des. Luís Fernandes, tratar-se-ia de nome tupi. Pergunta ele: "Que quer dizer **cona** ou **Canaputú mirim?** " e responde: "permita-se-me aventurar uma conjectura, que julgo perfeitamente aceitável.

É sabido que Jacaúna era irmão de Poti, famoso chefe da nação Potiguar, e que, constituindo cabilda à parte, tornou-se por sua vez Chefe de numerosa tribo dessa nação; tanto que, transportado com seus índios para o Ceará em 1603, por ocasião da expedição Pero Coelho, já ali fora encontrar nesse caráter, em 1609, Martim Soares Moreno, a quem dedicara grande afeição e prestara inolvidáveis serviços na conquista e fundação da vizinha capitania do morte.

Ora, separado da família, **Jacaúna** deixou nas margens do **Potengi**, a saudosa taba de **Igapó** e, buscando as praias do norte, foi fixar sua aldeia às margens da lagoa e tênue regato a que acima nos referimos. Mas o grande Poti, e a seu nome, que Alencar diz derivar-se de **Jacarandá** e **pixuna** — jacarandá preto — muito naturalmente acrescentou-se **Puti-mirim** — o pequeno Poti, formando-se, por contração do radical, o nome

de **Cona** ou **Cana putymirim,** ou mais eufonicamente, **Una puti mirim,** com que os naturais, para mostrar a sua procedência, distinguiam o filho de **Potiguaçu** e que, mudado o chefe para o Ceará, ficou ligado ao sítio que residiu.

Nenhuma importância tem opor-se ao nosso assento a circunstância de se achar escrito nos documentos — **putu,** e não — **puti;** não só porque a ortografia desta palavra anda por aí muito adulterada — Vide minha memória sobre o Camarão, 2o. vol. desta revista, pág. 129, como porque na língua brasílica, talvez pela pronúncia especial dos indígenas, muitas vezes, empregavam-se u ou v para exprimir a mesma coisa."

A parte histórica merece reparo. Primeiramente, não consta em qualquer documento a "presença" de Jacaúna na expedição de Pero Coelho de Sousa. Basta ler Vicente do Salvador e Diogo de Campos Morenos. Jacaúna deve ter se refugiado no Jaguaribe, logo após a Conquista da capitania por Manuel Mascarenhas Homem. O próprio **Potiguaçu** fora ferrenho inimigo dos portugueses, um dos muitos chefes potiguaras que resistira à conquista da terra nesse período d'armas. Jacaúna nunca foi um pequeno **Poti,** nem no Jaguaribe, nem no Ceará-Mirim. Nunca houve aldeia de Jacaúna em Porto-Mirim. Enfim, **putu** também nada tem que ver com **puti.** A aldeia à margem da lagoa Maceió é pura imaginação. E **Una puti mirim,** em alusão a Jacaúna, traduz-se por "camarão pequeno e preto", mas esse não é o caso, porquanto **puti** é corrutela de "porto".

Razão assiste ao geógrafo suiço Ivan Lind, em dizer que as palavras se transformam ao longo do tempo, a ponto de ficarem ininteligíveis, ou exprimindo outras coisas. Haja vista estes exemplos por ele enumerados: "Sanfins", proveniente de San Félix. "Santarém", de Santa Irene. E "Canal", derivado de Canavial. Na questão sucitada por Luís Fernandes, mais lógico é encarar o nome, se fosse tupi, deste modo: **cémo,** nascer + **puti,** camarão + **mirim,** pequeno. Literalmente, "onde nasce ou donde procede uma espécie de camarão miúdo". Diríamos ainda que o termo **CONAPUTUMERI** se coadunaria se não estivesse realmente corrompido e não fosse alienígena, com o tupi **CONAPU AUPÚMI MERIM,** o peixe conhecido por "Mero".

Antes da Conquista da Capitania por Mascarenhas Homem, franceses querenavam na enseada de Pititinga, imediações do Cabo de São Roque, informa Gabriel Soares, e dali mandavam suas chalupas ao rio **Baquipe,**

nome amerígena do atual Ceará-Mirim, com a finalidade de resgatar madeiras de lei. Diga-se de passagem que a afluência de normandos na Capitania no século XVI prejudicou seriamente a colonização da Paraíba e de Itamaracá, porquanto no Potengi eles mantinham seus navios, de ordinário aprestados para pequenas viagens de pirataria. Aliados aos silvícolas **Potiguaras** cujo domínio se estendia pelo sertão até o planalto da Borborema, com centenas de aldeias na serra paraibana de Capaóba, submeteram a costa desde Touros um pouco abaixo da deflexão continental para o sul, e vivendo, em alguns casos, promiscuamente com esses nativos. Pititinga, Ceará-Mirim, Igapó, Pirangi e Arez, inclusive Cunhaú e mais pontos interessantes por suas riquezas naturais conheceram por muitos anos a gente ruiva da Europa. Assim sendo não deve causar estranhesa que predominassem alguns topônimos franceses de utilidade exclusiva para os mareantes, provavelmente caídos no olvido depois do domínio português na sua maioria, ou não aglutinados pelo silvícola. Cremos que o **CONAPUTUMERI** resultou de uma dessas raras aglutinações, mas corrompido já antes da chegada dos colonos procedentes da Paraíba e Pernambuco no inicio do século XVII. O problema ortográfico desse vocábulo controvertido toma, assim, novo colorido com os mapas holandeses e conduz a resultados bem diferentes do ponto-de-vista tupinológico do Des. Luís Fernandes.

É indispensável salientar que as cartas marítimas luso-flamengas de interesse para este exame de toponímia americana não registam aquele **UNA** lembrativo de... Jacaúna, e sim, os **COMA, CANA, CENA, CONA** e **SENA,** secundados de **PUTU, POTU, PUTA, PATU** e **POHI,** com as finais **MERI, MIRI** e **MARI.** Para evitar dúvidas transcreveremos todas as modulações ortográficas constantes desses documentos e inclusive as referidas nas "datas" de sesmarias do município de Ceará-Mirim:

Datas de sesmarias.....	1602 – **cona Potú Merim**.....
	1604 – **canaputumerim**.....
	1605 – **canaputu-merim**.....
	1605 – **canaputú-merim**.....
Mapas portugueses.....	1614 – **Comaputameri**.....
	1626 – **Canaputumiri**.....
	1642 – **Cena Potumari**.....

	1635 — **Senapatumeri**. . . . .
Mapas holandeses.	1653 — **Senapatumeri**. . . . .
	16 ? — **Cenapohimiri**. . . . .

É bom observar que os cartógrafos flamengos distinguem o rio **Siara** do **Senapatumeri**, localizado mais ao norte. Tratando-se de vocábulo francês corrompido no linguajar amerígena achamos que a ortografia mais aproximada da real é a de 1635 para a palavra SENA, e a de 1642 para as duas últimas, **POTU** e **MARI**. Obtem-se com efeito esta combinação:

SENA POTU MARI SENA PORT MARIN

Donde se conclui o seguinte: **Sena** teria sido um lugar habitado, quiçá o nome de um normando encarregado do entreposto comercial, à margem ou nas proximidades da lagoa Maceió, e **Port Marin** a praia de desembarque atualmente conhecida pelo nome de **Porto Mirim.**

No tocante ao vocábulo **MARIN** convém recordar a antiga cidadela de Olinda, que atendia entre os franceses por esse mesmo batismo. Varnhagen explica-o como procedente de **MAYR—RY**, alguma aldeia silvícola, com o sentido de "água ou rio dos franceses". Já Batista Caetano propende pela idéia de uma corrução de **MAIRIM**, ou seja a "pousada de estrangeiros ou dos franceses". De qualquer modo entendemos que o vocábulo é uma acepção túpica do francês **marin** ou **marine**. No Rio Grande do Norte ele converteu-se em **meri, miri, merim**, por influência do diminutivo **meri** ou **merim** do tupi, mantendo-se porém um **mari** como reminiscência da palavra original.

Aparentemente de raiz amerígena, **marim**, na verdade **marin**, aparece também no Maranhão seiscentista nomeando o rio Preá. Registra-o o **MAPPA VICE PROVINCIAE Societatis Jesu — MARAGNONI Anno M.D.C.D.L.III. Concinnata de 1753**, Biblioteca de Évora, Pinac. IV/3. Constam na carta: **R. Marin**, o Preá, e **R. Meari**, túpico, o Mearim.

Por outra parte nada impede que se aceite o diminutivo **mirim** para o caudal mais importante, que emboca no oceano pela barra do Inácio do Góis, como conseqüência de **MARIN**, já mudado em **MIRIM**, com relação ao antigo porto francês. Sobre o atual rio Ceará-Mirim escreveu Resenlaer:

rio **Siara**, sem habitantes, duas léguas ao norte do **Poting**. É o antigo **Baquipe** do silvícola e rio **pequeno** dos portugueses. Preteriu Resenlaer a ponta de Genipabu que se estende antes do caudal e batizada pelo flamengo de **B. de Ginepabou of Marte Tyssen**, em homenagem ao almirante Marte Thijssen, que substituira Pater em águas nordestinas.

Acerca do vocábulo **Siara** já nos pronunciamos em outro estudo optando pela sua origem portuguesa e não túpica — **seara**, terra para cereal. Em Portugal havia muitos lugares denominados **Seara** no século passado e isso prova que o nome era comum entre os agricultores: **Seara**, em Braga, Guimarães, Cura, Peso da Régua, Resende, Valência, Vila Nova de Famalicão, Figueira dos Vinhos e Marco de Canavezes. Nas datas de sesmarias de Ceará-Mirim, principio do século XVII, a terra e o rio se chamam **Seara**. Parece que o antigo **Baquipe** tomou esta designação apenas porque ele sulcava a Várzea de seara, isto é, de cultivo. Na data de sesmaria no. 102, de 7 de janeiro de 1607, concedida pelo Capitão-mor Jeronimo de Albuquerque os padres da **Companhia de Jesús** está escrito: "Muitas destas datas dos padres são de terra **inútil** e de **nenhum proveito**, e muito serve para **pastos** e **mantimentos**. É várzea de **seara** que cai dentro." Assim, nada mais lógico: terra de cultura de subsistência, milho, mandióca, batata, fruteiras, etc. Haja vista inclusíve o rio, sempre **Seara** nas datas desesmarias. Diz a de no. 129: "É meia légua de terra em quadra pelo rio **Seara** acima aonde chamam Tapiatá." Bastante claro?

Há nesse manuscrito outros exemplos. O fato é que o vocábulo logo corrompeu-se em **siara** e **ciara**, vício de linguagem, e também em **siará**, **ciará**, **seará** e **ceará**, motivando aquelas conhecidas hipóteses linguísticas no plano da tupinologia levantadas por Th. Sampaio, Cunha Mendes, João Mendes Júnior, José de Alencar, Antônio Bezerra de Meneses, Aires de Casal e tantos outros que, entusiasmados, deram suas contribuições pessoais, pondo mais lenha à fogueira dos debates.

Não cremos que a acentuação modificara o sentido do termo original. **Seará** era o mesmo que **Seara**, tipo de solo. Leia-se a seguinte passagem da **Descrição geográfica da Capitania do Ceará** de fins do século passado escrita por José Rodrigues de Carvalho:

"O terreno propriamente conhecido com o nome de **Ceará**, que compreende desde Cascavel, termo da vila de Aquirás, até a vila de Soure,

a serra da Meruóca no termo de Sobral, as vizinhanças da vila é escassa e suprem-se das imediações, mal e cara. Os terrenos da vila de Fortaleza, Aracati, Icó, Montemor, e serra da Uruburetama, que é dividida para o termo da vila de Fortaleza e Sobral produzem algodão, mas as safras não correspondem ao trabalho e extensão de cada plantação; a prova disso é que, se não encontram lavradores, que possuam vinte mil cruzados em bens seus, havendo apenas um no termo de Arronxes, chamado Albano da Costa dos Anjos." (Grifo nosso).

A capitania chamou-se **Seará** por causa do tipo do solo apropriado à cultura de subsistência. Foi ainda **Seará Grande,** não para diferenciar do outro **Ceará-Mirim,** mas apenas porque eram muito grandes as extensões de suas terras agrícolas.

Enfim, no que diz respeito a **rio Pequeno,** o ex-**Baquipe,** basta o esclarecimento de Gabriel Soares de Sousa. Se o Potengi seu vizinho era **rio grande,** convinha que o Baquipe fosse **pequeno.** Pura e simples questão de antônimo. O **mirim,** portanto, tem outra origem, não túpica, mas já por influência daquele mesmo **Marin** dos franceses, com relação ao **Porto Mirim** mais ao norte, antigo **Port Marin.**